

RESUMO

Prof.^a Dr.^a Maria Luisa Luz Tavora

Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

A Crítica e a Gravura Artística– Anos 1950/60: Entendimentos da Experiência Informal

A arte informal no Brasil constitui produção artística plena de significações estéticas e históricas. A crítica de arte com suas análises e avaliações elaborou inúmeros entendimentos dessa expressão que mobilizou a gravura artística dos anos 1950/60 (Rio/São Paulo), marcada por um profícuo experimentalismo, questionador da própria tradição gráfica.

Nas análises que cobriram as Bienais de São Paulo, sobretudo a de 1959 – a bienal do Informalismo; nos escritos em catálogos de exposições individuais e de salões e nos periódicos especializados ou não, editados nesses dois centros urbanos, nos anos 1950/60, encontramos abordagens do informalismo que formulam compreensões de interesse para a definição dos lugares desta arte tão múltipla no cenário artístico brasileiro.

Nos textos pesquisados, problematiza-se a atuação dos gravadores na arte informal. A crítica à gravura artística, em sua maioria, elabora sua apreciação fundada tanto na acolhida positiva deste meio inserido na arte moderna como instrumento de criação, quanto na valorização e no reforço do respeito à tradição do métier, a ser mantida. Convergem para uma mesma análise considerações sobre o meio como linguagem e o métier como uma tradição. Nesta ambivalência, a crítica operaria numa “confusa fronteira” no processo de imprimir significados à gravura informal, tendência na qual os artistas-gravadores trabalham a expressão nos limites da experiência individual. Condição de sua elaboração, o experimentalismo provoca a reformulação e ampliação das funções da matriz e do papel-suporte e da comunicação pela cor e matéria. Nestes termos, a arte informal afasta-se das utopias e exigências programáticas além de sucumbir às exigências de comunicação impostas pelo mercado.

Situados nesta fronteira, críticos como Quirino Campofiorito, Antonio Bento, Mario Pedrosa, Aníbal Machado, Clarival Valladares, Waldir Ayala, Jayme Mauricio, Mário Barata, Marc Berkowitz, José Roberto Teixeira Leite e Jacob Klintowitz autorizam ou combatem a experiência informal na gravura artística elaborando o entendimento desta experiência para a arte no Brasil, nos anos 1950/60.